



Ernesto Bozzano
Um defunto que se recorda de tudo



Prefácio de Jorge Hessen



Ernesto Bozzano - Di un defunto che tutto ricorda
Tipografia Dante, Città della Pieve
Roma (1928)



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com
Brasil (São Paulo)
(2016)

Data da publicação: 29 de agosto de 2016

CAPA: Irmãos W.

REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil



ERNESTO BOZANO

(1861 - 1943)

Nascido em Gênova, Itália, no ano de 1861, e desencarnado na mesma cidade, no dia 7 de julho de 1943.

Trabalhando catorze horas diárias, durante cinquenta e dois anos; um estudo profundo que, se enfeixado num livro de tamanho médio resultaria num volume de 15.000 páginas; prolongadas e meticulosas pesquisas com o valioso concurso de 76 médiuns; nove monografias inconclusas, essa a folha de serviço de um dos mais eruditos pensadores e cientistas italianos. Seu nome: Ernesto Bozzano.

Cumpra aqui registrar também que Bozzano, com apenas 16 anos de idade, já se interessava por temas abrangendo assuntos filosóficos, psicológicos, astronômicos, ciências naturais e paleontológicos. Além disso, desde a sua juventude, sentia inusitada atração para os problemas da personalidade humana, principalmente os que conduziam às causas dos sofrimentos, a finalidade e a razão da vida humana.

Numa época quando o Positivismo de Augusto Comte empolgava muitas consciências, Bozzano passou a engrossar suas fileiras, demonstrando nítida inclinação por todos os ramos do saber humano e entregando-se, resolutamente, ao estudo das obras dos grandes filósofos de todas as épocas. Dos postulados positivistas gravitou para uma forma intransigente de materialismo, o que o levou a proclamar, mais tarde: Fui um positivista-materialista a tal ponto convencido, que me parecia impossível pudessem existir pessoas cultas, dotadas normalmente de sentido comum, que pudessem crer na existência e sobrevivência da alma.

Nos idos de 1891, recebeu do professor Ribot, diretor da Revista Filosófica, a informação sobre o lançamento da revista Anais das Ciências Psíquicas, dirigida pelo Dr. Darioux, sob a égide de Charles Richet. A sua opinião inicial sobre essa publicação foi a pior possível, dada a circunstância de considerar verdadeiro escândalo o fato de representantes da Ciência oficial levarem a sério a possibilidade da transmissão do pensamento entre pessoas que vivem em continentes diferentes, a aparição de fantasmas e a existência das chamadas casas mal-assombradas.

Nessa mesma época, o professor Rosenbach, de S. Petersburgo (atual Leningrado), publicou violento artigo na "Revista Filosófica", situando-se numa posição antagônica à introdução desse novo misticismo no domínio da psicologia oficial. Na edição subsequente, o Dr. Charles Richet refutou, ponto por ponto, as afirmações de Rosenbach, as quais reputava errôneas, mostrando em seguida as suas conclusões lógicas sobre a matéria. Esse artigo do sábio francês teve o mérito de

diminuir as dúvidas de Bozzano.

Os últimos resquícios dessa dúvida foram completamente destruídos na mente de Bozzano, quando ele leu o livro "Fantasmas dos Vivos", de autoria de Gurney, Podmore e Myers. As dúvidas que alimentava sobre os fenômenos telepáticos foram assim completamente eliminadas. Dali por diante dedicou-se, com afinco e verdadeiro fervor, ao estudo aprofundado dos fenômenos espíritas, fazendo-o através das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Paul Gibier, William Crookes, Russel Wallace, Du Prel, Alexander Aksakof e outros.

Como medida inicial para um estudo mais profundo, Bozzano organizou um grupo experimental, do qual participaram o Dr. Giuseppe Venzano, Luigi Vassalo e os professores Enrique Morselli e Francisco Porro, da Universidade de Gênova.

No decurso de cinco anos consecutivos, graças ao intenso trabalho desenvolvido, esse pequeno grupo propiciou vasto material à imprensa italiana e, ultrapassando as fronteiras da península, chegou a vários países, pois, praticamente havia-se obtido a realização de quase todos os fenômenos, culminando com a materialização de seis Espíritos, de forma bastante visível, e com a mais rígida comprovação.

O seu primeiro artigo intitulou-se "Espiritualismo e Crítica Científica", porém, o sábio levou cerca de nove anos estudando, comparando e analisando, antes de publicar as suas idéias. Polemista de vastos recursos, sustentou quatro acérrimas e importantes polêmicas com detratores do Espiritismo. A fim de pulverizar uma obra de ataque, publicada na época, fez editar um livro de duzentas páginas, o qual levou o título "Em Defesa do Espiritismo."

A primeira obra por ele publicada, com o fito de sustentar a tese espírita foi a "Hipótese Espírita e a Teoria Científica", à qual se seguiram outras não menos importantes: "Dos Casos de Identificação Espírita", "Dos Fenômenos Premonitórios" e "A Primeira Manifestação de Voz-Direta na Itália".

As seguintes obras de Bozzano foram vertidas para o português: "Animismo ou Espiritismo", "Pensamento e Vontade", "Os Enigmas da Psicometria", "Metapsíquica Humana", "A Crise da Morte", "Xenoglossia" e "Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte".

O seu devotamento ao trabalho fez com que o grande sábio italiano se tornasse, de direito e de fato, um dos mais salientes pesquisadores dos fenômenos espíritas, impondo-se pela projeção do seu nome e pelo acendrado amor que dedicou à causa que havia esposado e que havia defendido com todas as forças de sua convicção inabalável.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação de sua mãe, em julho de 1912, serviu de ponte para a demonstração da sobrevivência da alma. Bozzano realizava nessa época sessões semanais com um reduzido grupo de amigos e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se comemorava o transcurso do primeiro aniversário de desencarnação de sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixaram assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Durante os anos de 1906 a 1939, Bozzano colaborou intensamente na revista

espírita "Luce e Ombra", escrevendo também centenas de artigos para as revistas do gênero, que se publicavam na Itália, França, Inglaterra e outros países.

Fontes: Paulo Alves de Godoy e Antonio de Souza Lucena - Personagens do Espiritismo

ÍNDICE

PREFÁCIO DA OBRA (JORGE HESSEN).....	07
INTRODUÇÃO (ALLAN KARDEC)	08
UM DEFUNTO QUE SE RECORDA DE TUDO (ERNESTO BOZZANO)...	14



"Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; a potência de uma causa está na razão da grandeza do efeito."

Allan Kardec

O Codificador da Doutrina Espírita



PREFÁCIO DA OBRA

O fato registrado pela Revista *The Two Worlds* transformado na monografia intitulada *The spirit return of mr. Hacking*. Dá-se destaque para as faculdades de vidência e incorporação, com copiosas indicações fornecidas pelo espírito comunicante, desconhecido de todos os experimentadores. São provas robustas e precisas que se pode colocar o fato estudado entre os melhores que se conhecem na categoria das provas obtidas por meio da mediunidade.

Foram realizadas várias sessões em 1922, na sede da *Society for Psychical Research*, na cidade de Sheffield. Os fatos foram expostos pelo sr. W. Harrison Barwell, que empreendera as pesquisas com uma sensitiva e médium escrevente da sociedade. O sr. Brown era médium de clarividência e clariaudiência e por seu intermédio que se desenrolou o fato aqui descrito.

Graças ao concurso de diferentes pessoas, foi possível controlar a veracidade de mais de trezentas minúcias providas pelo espírito Hacking e por seus amigos desencarnados que colaboram com ele do lado espiritual.

Trata, portanto de um caso de identificação espírita onde os detalhes necessários a esse fim foram fornecidos numa medida cientificamente satisfatória e exuberante. Os incrédulos talvez dobrar-se-ão perante a evidência logicamente irresistível das provas. Embora reconheçamos que a força dos preconceitos é de tal modo avassaladora e todo-poderosa, que cega a razão. Mas as verdades espíritas permanecerão nem que sejam pelas pedras, porque até elas clamarão a imortalidade.

São Paulo, 29 de agosto de 2016
Jorge Hessen

INTRODUÇÃO

Controle Universal do Ensino dos Espíritos

Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana, não teria como garantia senão as luzes daquele que a tivesse concebido. Ora, ninguém neste mundo poderia ter a pretensão de possuir, sozinho, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a apenas um homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria necessário crer sob palavra no que dissesse haver recebido os seus ensinamentos. Admitindo-se absoluta sinceridade de sua parte, poderia no máximo convencer as pessoas do seu meio, e poderia fazer sectários, mas não chegaria nunca a reunir a todos.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por um meio mais rápido e mais autêntico. Eis porque encarregou os Espíritos de a levarem de um pólo ao outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado e pode enganar-se a si mesmo, mas não aconteceria assim, quando milhões vêem e ouvem a mesma coisa: isto é uma garantia para cada um e para todos.

Demais, pode fazer-se desaparecer um homem, mas não se faz desaparecerem as massas; podem-se queimar livros, mas não se podem queimar espíritos. Ora, queimem-se todos os livros, e a fonte da doutrina não será menos inesgotável, porque não se encontra na Terra, surge de toda parte e cada um pode captá-la. Se faltarem homens para a propagar, haverá sempre os Espíritos, que atingem a todos e que ninguém pode atingir.

São realmente os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda de inumeráveis médiuns, que eles despertam por toda parte. Se houvesse um intérprete único, por mais favorecido que esse fosse, o Espiritismo estaria apenas conhecido. Esse intérprete, por sua vez, qualquer que fosse a sua categoria, provocaria a prevenção de muitos; não seria aceito por todas as nações.

Os Espíritos, entretanto, comunicando-se por toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, independe de todos os cultos particulares, não é imposto por nenhuma classe social, visto que cada um pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Era necessário que assim fosse, para que ele pudesse conclamar todos os homens à fraternidade, pois se não se colocasse em terreno neutro, teria mantido as dissensões, em lugar de apaziguá-las.

Esta universalidade do ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo, e é ao mesmo tempo a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a voz de um só homem, mesmo com o auxílio da imprensa, necessitaria de séculos para chegar aos ouvidos de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente, em todos os pontos da Terra, para proclamar os mesmos princípios e os transmitir aos mais ignorantes e aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado.

É uma vantagem de que não pode gozar nenhuma das doutrinas aparecidas até hoje. Se, portanto, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme nem a má vontade dos homens, nem as resoluções morais, nem as transformações físicas do globo, porque

nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas não é esta única vantagem que resulta dessa posição excepcional. O Espiritismo ainda encontra nela uma poderosa garantia contra os cismas que poderiam ser suscitados, quer pela ambição de alguns, quer pelas contradições de certos Espíritos. Essas contradições são certamente um escolho, mas carregam em si mesmas o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em conseqüência das suas diferenças de capacidade, estão longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que o seu saber é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares não sabem mais do que os homens; que há, entre eles, como entre estes, presunçosos e falsos sábios, que crêem saber aquilo que não sabem; sistemáticos, que tomam suas próprias idéias pela verdade; enfim, que os Espíritos da ordem mais elevada, que são completamente desmaterializados, são os únicos libertos das idéias e das preocupações terrenas.

Mas sabe-se também que os Espíritos embusteiros não têm escrúpulos para esconder-se atrás de nomes emprestados, a fim de fazerem aceitar suas utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que alguém possa obter são de caráter individual, sem autenticidade, e devem ser consideradas como opiniões pessoais deste ou daquele Espírito, sendo imprudência aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, sem contradita, o da razão, ao qual é necessário submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos. Toda teoria em contradição manifesta com o bom-senso, com uma lógica rigorosa, e com os dados positivos que possuímos, por mais respeitável que seja o nome que a assine, deve ser rejeitada.

Mas esse controle é incompleto para muitos casos, em virtude da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas, e da tendência de muitos, de tomarem seu próprio juízo por único árbitro da verdade. Em tais casos, que fazem os homens que não confiam absolutamente em si mesmos? Aconselham-se com os outros, e a opinião da maioria lhes serve de guia. Assim deve ser no tocante ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem por si mesmos os meios de controle.

A concordância do ensino dos Espíritos é portanto o seu melhor controle, mas é ainda necessário que ela se verifique em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga por si mesmo numerosos Espíritos, sobre uma questão duvidosa. É claro que, se ele está sob o império de uma obsessão, ou se tem relações com um Espírito embusteiro, este Espírito pode dizer-lhe a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há garantia suficiente, da mesma maneira, na concordância que se possa obter pelos médiuns de um mesmo centro, porque eles podem sofrer a mesma influência.

A única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

Compreende-se que não se trata aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas das que se referem aos próprios princípios da doutrina. A experiência prova que, quando um novo princípio deve ser revelado, ele é ensinado espontaneamente, ao mesmo tempo, em diferentes lugares, e de maneira idêntica,

senão na forma, pelo menos quanto ao fundo.

Se, portanto, apraz a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado em suas próprias idéias e fora da verdade, pode-se estar certo de que esse sistema ficará circunscrito, e cairá diante da unanimidade das instruções dadas por toda parte, como já mostraram numerosos exemplos. É esta unanimidade que tem posto abaixo todos os sistemas parciais surgidos na origem do Espiritismo, quando cada qual explicava os fenômenos do mundo visível com o mundo invisível.

Esta é a base em que nos apoiamos, para formular um princípio da doutrina. Não é por concordar ele com as nossas idéias, que o damos como verdadeiro. Não nos colocamos, absolutamente, como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: “Crede em tal coisa, porque nós vo-la dizemos”. Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, mais do que uma opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis do que os outros. E não é também porque um princípio nos foi ensinado que o consideramos verdadeiro, mas porque ele recebeu a sanção da concordância.

Nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, espalhados pelos mais diversos pontos do globo, estamos em condições de ver quais os princípios sobre que essa concordância se estabelece.

É esta observação que nos tem guiado até hoje, e é igualmente ela que nos guiará, através dos novos campos que o Espiritismo está convocado a explorar. E assim que, estudando atentamente as comunicações recebidas de diversos lugares, tanto da França como do exterior, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que há uma tendência para entrar numa nova via, e que chegou o momento de se dar um passo à frente.

Essas revelações, formuladas às vezes com palavras veladas, passaram quase sempre despercebidas para muitos daqueles que as obtiveram, e muitos outros acreditaram tê-las recebido sozinhos. Tomadas isoladamente, elas seriam para nós sem valor; somente a coincidência lhes confere gravidade. Depois, quando chega o momento de publicá-las, cada um se lembrará de haver recebido instruções no mesmo sentido. É esse o movimento geral que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, e que nos ajuda a avaliar a oportunidade de fazermos uma coisa ou de nos abstermos.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É nele que, no futuro, se procurará o criterium da verdade. O que determinou o sucesso da doutrina formulada no Livro dos Médiuns, foi que, por toda parte, cada qual pode receber, diretamente dos Espíritos, a confirmação do que eles afirmavam. Se, de todas as partes, os Espíritos os contradissem, esses livros teriam, após tão longo tempo, sofrido a sorte de todas as concepções fantásticas.

O apoio mesmo da imprensa não os teria salvado do naufrágio, enquanto que, privados desse apoio, não deixaram de fazer rapidamente o seu caminho, porque tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade compensou, com vantagem, a má vontade dos homens. Assim acontecerá com todas as idéias manadas dos Espíritos ou dos homens, que puderem suportar a prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

Suponhamos, portanto, que alguns Espíritos queiram ditar, com qualquer título, um livro de sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, e com o fim de desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas. Que influência poderia ter esses escritos, se eles são desmentidos de todos os lados pelos Espíritos?

É da adesão desses últimos que se precisa assegurar, antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um só ao sistema de todos, há a distância da unidade ao infinito. Que podem, mesmo, todos os argumentos dos detratores contra a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, vindas do espaço, chegam de todas as partes do Universo, e no seio de cada família os repelem vivamente?

A experiência já não confirmou a teoria, no tocante a este assunto? Que foi feito de todas essas publicações que deviam, segundo afirmavam, destruir o Espiritismo? Qual delas conseguiu, pelo menos, deter-lhe a marcha? Até hoje não se havia consideração à questão desse ponto de vista, sem dúvida um dos mais graves: cada um contou consigo mesmo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo as seitas que dele quisessem apoderar-se, acomodando-o à sua maneira. Quem quer que tente fazê-lo desviar de seu fim providencial fracassaria, pela bem simples razão de que os Espíritos, através da universalidade dos seus ensinamentos, farão cair toda modificação que se afaste da verdade.

Resulta de tudo isto uma verdade capital: é que quem desejasse atravessar-se na corrente de idéias estabelecida e sancionada, poderia provocar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, quanto menos no futuro.

E resulta mais, que as instruções dadas pelos Espíritos, sobre os pontos da doutrina ainda não esclarecidos, não teriam força de lei, enquanto permanecessem isolados, só devendo, por conseguinte, ser aceitas sob todas as reservas, a título de informações.

Daí a necessidade da maior prudência na sua publicação, e no caso de julgar-se que devem ser publicadas, só devem ser apresentadas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas tendo, em todo o caso, necessidade de confirmação. É esta confirmação que se deve esperar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quiser ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos Superiores procedem, nas suas revelações, com extrema prudência. Só abordam as grandes questões da doutrina de maneira gradual, á medida que a inteligência se torna apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma idéia nova.

Eis porque, desde o começo, eles não disseram tudo, e nem o disseram até agora, não cedendo jamais á impaciência de pessoas muito apressadas, que desejam colher os frutos antes de amadurecerem. Seria, pois, inútil, querer antecipar o tempo marcado pela Providência para cada coisa porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam-se positivamente a ajudar. Os Espíritos levianos, porém, pouco se incomodando com a verdade, a tudo respondem. É por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o resultado de uma teoria pessoal, mas a forçosa consequência das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa num lugar, enquanto milhões dizem o contrário por toda parte, a presunção de verdade não pode estar com aquele que ficou só, e nem se aproximar da sua opinião, pois pretender que um só tenha razão, contra todos, seria tão ilógico de parte de um Espírito como de parte dos homens.

Os Espíritos verdadeiramente sábios, quando não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não a resolvem jamais de maneira absoluta. Declaram tratar do assunto de acordo com a sua opinião pessoal, e aconselham esperar-se a confirmação.

Por maior, mais bela e justa que seja uma idéia, é impossível que reúna, desde o princípio, todas as opiniões. Os conflitos de que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se processa, e são mesmo necessários, para melhor fazer ressaltar a verdade. É também útil que eles surjam no começo, para que as idéias falsas sejam mais rapidamente desgastadas. Os espíritas que revelam alguns temores devem ficar tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

Não será pela opinião de um homem que se produzirá a união, mas pela unanimidade da voz dos Espíritos. Não será um homem, e muito menos nós que qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita.

Nem será tampouco um Espírito, vindo impor-se a quem quer que seja. É a universalidade dos Espíritos, comunicando-se sobre toda a Terra, por ordem de Deus. Este é o caráter essencial da doutrina espírita, nisto está a sua força e a sua autoridade. Deus quis que a sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável, e foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um só.

É diante desse poderoso areópago, que nem conhece o conluio, nem as rivalidades ciumentas, nem o sectarismo, nem as divisões nacionais, que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual, que nos quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir esses decretos soberanos por nossas próprias idéias.

Será ele somente que resolverá todas as questões litigiosas, que fará calar as dissidências e dará falta ou razão a quem de direito.

Diante desse grandioso acordo de todas as vozes do céu, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos que uma gota d'água que se perde no oceano, menos que a voz de uma criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis portanto o juiz supremo, aquele que pronuncia em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais. Se uma delas é verdadeira, tem na balança o seu peso relativo; se uma é falsa, não pode sobrepujar as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades desaparecem, e eis aí um novo revés para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se esboça; portanto, este século não passará antes que ele brilhe em todo o seu esplendor, de maneira a resolver todas as incertezas; porque daqui para diante vozes poderosas terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para reunir os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo esteja suficientemente preparado.

Enquanto isso, aquele que flutuar entre dois sistemas opostos poderá observar em que sentido se forma a opinião geral: é o indício seguro do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, dos diversos pontos sobre os quais se comunicam; é um sinal não menos seguro de qual dos dois sistemas predominará.

Allan Kardec - O Evangelho Segundo O Espiritismo - Introdução

UM DEFUNTO QUE SE RECORDA DE TUDO

O caso que vou resumir e comentar apareceu, primeiramente, em vários números da revista espírita inglesa *The Two Worlds* e foi reproduzido, em seguida, numa brochura de cinquenta páginas sob o título de *The spirit return of mr. Hacking*.

É um caso pertencente à categoria das provas de identificação espírita por meio da *vidência* e da *incorporação mediúnica*, mas observam-se nele formas de desenvolvimento características e importantes. De outra parte, as indicações fornecidas pelo espírito comunicante, desconhecido de todos os experimentadores, são de tal modo abundantes e precisas que se pode colocar este episódio entre os melhores que se conhecem na categoria das provas obtidas por meio dessas faculdades mediúnicas que acabo de indicar. É necessário, então, tornar este caso mais conhecido, para impedir que logo seja esquecido, como acontece, infelizmente, com grande número de episódios muito interessantes deste gênero.

Desenvolveu-se este caso em uma série de sessões que tiveram lugar, em 1922, na sede da *Society for Psychical Research*, na cidade de *Sheffield*, sociedade cujo presidente atual é o rev. F. Ballard. Os fatos foram expostos pelo sr. W. Harrison Barwell, que começa observando que o grupo de experimentação, de que ele também fazia parte, empreendera as pesquisas com uma sensitiva e médium escrevente da sociedade. Mais tarde, o grupo foi aumentando com a inclusão do sr. e da sra. Brown, não tardando a se descobrir que o sr. Brown era dotado de faculdades de clarividência e clariaudiência bem notáveis, que eram logo seguidas de sonho mediúnico, com personificações mediúnicas. É sobretudo por seu intermédio que se desenrolou o caso de que nos vamos ocupar.

Escreve o sr. W. H. Barwell:

“No decurso da quinta sessão de nosso grupo, manifestou-se uma entidade que se dizia ser o espírito de um rev. F. Calder. Afirmou ter sido, durante 21 anos, instituidor principal da igreja de Chesterfield e, em seguida, durante 31 anos, reitor em Wingerwort, perto de Chesterfield. Continuou dizendo:

– Vejo que formais um grupo de severos investigadores da verdade. Ponho-me à vossa disposição para afastar do grupo os elementos indesejáveis e para ajudar-vos com meus conselhos em vossas investigações. Assim será enquanto continuardes a ocupar-vos destas questões, com os mesmos fins elevados.

Ele manteve a palavra, não deixando nunca de se manifestar nas sessões, regulando as suas durações, abrindo-as e fechando-as.

Os que seguem o movimento espírita se recordarão de que um bispo anglicano bem conhecido censurou o rev. Vale Owen por ter permitido que sir Arthur Conan Doyle fizesse uma conferência na igreja de Oxford. Ora, esse bispo tinha sido aluno do falecido rev. Calder. Este, a fim de aclarar a mente de seu antigo discípulo relativamente às verdades espirituais, achou-se no dever de fornecer ao mundo, por intermédio de nosso grupo, provas de identificação

de mortos que fossem de natureza irreprovável e, assim sendo, obteve a manifestação, em nossas sessões, de um espírito desconhecido de todos.

A 26 de fevereiro de 1922, às 7 horas da noite, William Sagar – um espírito familiar ao grupo – anunciou a presença de alguém que ele não conhecia e que desejava manifestar-se. Acrescentou que seu nome era John Hacking, que pertencera à congregação dos wesleyanos e que desencarnara há uns 45 anos, não podendo fornecer a respeito dados bem precisos. Respondemos-lhe que estávamos bem felizes por acolher o recém-chegado e logo o vidente – sr. Brown – anunciou que percebia um senhor alto, já de certa idade, inteiramente calvo, com barba dos dois lados do rosto e debaixo do queixo, e com o resto do queixo e os lábios superiores raspados. Vestia um sobretudo preto, que abriu em certo momento, a fim de mostrar ao vidente que tinha as pernas arqueadas, mormente uma delas.

Logo em seguida, falando pela boca do sr. Brown, em transe, esse mesmo espírito disse ter vivido na cidade de Bury (Lancashire), onde fora instituidor principal na escola wesleyana de Clerk Street. Pôs-se em seguida a descrever de maneira detalhada o que estava encarregado de fazer naquela escola, acrescentando que, depois de sua morte, fora substituído por um instituidor chamado Marsden, que também já falecera. Descrevendo os locais da escola, disse que havia duas portas de entrada, uma para os rapazes, outra para as meninas. Falou de uma capela da rua Union e mencionou uma rua Clerk, que cortava perpendicularmente a rua Union, depois de se virar à esquerda. Terminou dizendo que estava feliz por voltar ao meio terrestre para nos auxiliar em nossas pesquisas.

Entre os membros do grupo achava-se o rev. B..., que observou já ter estado na cidade de Bury. O espírito comunicante, então, convidou-o para fazer um inquérito a fim de controlar as indicações que dava, o que o rev. B... prometeu fazer. A sessão terminou assim.

É preciso notar que nenhum dos assistentes, com exceção do rev. B..., jamais havia estado em Bury e que nenhum deles, nem mesmo o reverendo, nunca tivera conhecimento da existência de um obscuro mestre-escola de sobrenome Hacking, que vivera há 45 anos passados. O rev. B..., que era um pesquisador sério, pediu e obteve de todos os assistentes uma declaração assinada a respeito.

Na sessão seguinte, o comunicante Hacking explicou que se propusera a manifestar-se a conselho do *espírito-guia* Calder e com fins bem determinados. O rev. Calder manifestou-se a seguir. Explicou ao rev. B... que havia levado ao grupo o instituidor Hacking para que ele fornecesse provas de identificação pessoal capazes de chamar a atenção. Desejava, pois, que o rev. B... se encarregasse de levar a termo o inquérito e publicasse, em seguida, uma ata do caso.

Durante a reunião do dia 24 de fevereiro, o rev. B... informou ao espírito comunicante que doze entre as principais informações que ele havia fornecido

– a respeito das quais se informara com um de seus amigos, residente em Bury
– foram reconhecidas como rigorosamente verdadeiras. O comunicante, então, pediu ao rev. B... que se ocupasse das pesquisas relativas às novas indicações que ele se dispunha a lhe dar.”

Tal é o resumo das primeiras manifestações do espírito de John Hacking. Para não alongar muito a minha narrativa, vejo-me na necessidade de interromper neste ponto o encadeamento ulterior dos incidentes que se desenrolaram no decurso de várias sessões, abandonando numerosas indicações verdadeiras fornecidas pelo comunicante, para chegar sem mais tardança à parte nova e excepcionalmente probante do caso em questão.

No dia 8 de julho de 1922, o narrador, sr. Harrison Barwell, estava na rua com a sua esposa, a quem ele manifestava seu pesar por não ter encontrado nenhuma pessoa natural de Bury que pudesse ajudá-lo a controlar, de modo satisfatório, o caso do espírito de John Hacking. Quando eles assim falavam, esbarraram com um casal que vinha em sentido contrário. O sr. Barwell reconheceu no casal o major P... e sua esposa, com os quais havia estado em uma sessão espírita. Saudou-os e começou a conversar com eles. Disse, entre outras coisas, que, nas sessões que freqüentava presentemente, se manifestava o espírito de um desconhecido que fora instituidor em Bury, mas que estava sendo muito difícil controlar suas afirmativas, pois não tinham nenhuma ligação com qualquer pessoa conhecida naquela cidade. O major P... respondeu que ele a conhecia muito bem, pois sua esposa era justamente de Bury, onde vivera por muito tempo. Esse encontro fortuito parecia então verdadeiramente providencial e o sr. Barwell convidou o sr. e a sra. P... a tomarem parte nas sessões.

Resultou daí que entre o espírito comunicante Hacking e a esposa do major P... entabulou-se uma série de conversações que apresentam um valor teórico considerável e que reservo para expor mais adiante.

No dia seguinte ao encontro, o major P... e sua senhora não deixaram de participar da sessão da noite. Desde que Brown caiu em transe, o espírito de Hacking se manifestou. O narrador prossegue assim:

“Apresentei-lhe os novos assistentes e Hacking mostrou-se contente por estar na presença de uma pessoa natural de Bury. Logo começou entre eles uma conversa espontânea e animada, na qual, assentados um defronte do outro, permutavam com entusiástica emoção suas recordações de um passado longínquo. Eu, enquanto isso, tomava nota do que eles diziam.

O comunicante perguntou à sra. P... se ela recordava-se da escola da rua Clerk e ela lhe respondeu que morara ali perto, isto é, na rua Agar. O comunicante observou:

– Com efeito, a rua Agar não é senão um prolongamento da rua Clerk.

Acrescentou que ia citar algumas pessoas que ela provavelmente conhecera:

– Por exemplo, o sr. Nelson, relojoeiro da rua Agar, e o livreiro Wardleworth.

A sra. P... respondeu tê-los conhecido com efeito, mas acrescentou que há muito tempo as suas casas de negócio não estavam na mesma rua. O comunicante disse que ia procurar recordar-se de outros negociantes estabelecidos, em seu tempo, naquela mesma rua, e continuou:

– E o sr. Hall, o vendedor de legumes, a senhora o conheceu?

A sra. P... respondeu afirmativamente e perguntou, por sua vez, se Hacking sabia lhe dizer qual negócio se achava ao lado do da pessoa chamada Hall. O comunicante citou primeiramente uma loja que ficava defronte e que vendia máquina para lavanderias. Acrescentou, entretanto, lembrar-se muito bem de que ao lado do vendedor de legumes havia uma loja de móveis e descreveu-a minuciosamente. A sra. P... declarou que essa descrição era absolutamente certa e que tal loja pertencera ao pai dela. O comunicante, então, observou que na loja fronteira, onde havia uma exposição de fazendas, via-se uma grande cabeça humana esculpida ao natural. Falou do sr. Hall, um homem gordo e rechonchudo, de um sr. Joseph Burrows; da loja de um alfaiate que estava ali perto e cujo proprietário fora prefeito da cidade; do negócio do sr. Watson, o cozinheiro, cuja família, de gente forte e corpulenta, morava em frente ao *Atheneum*.

A sra. P... perguntou ao comunicante, nesse momento, se se recordava de uma certa escola para moças. Ele refletiu um instante e depois disse lembrar-se de duas escolas de moças situadas no bulevar do Belvedere. A sra. P... acrescentou que tais escolas existiram com efeito, mas que não era a elas a que se referia. O comunicante pareceu sonhar um momento e depois exclamou:

– Agora eu me recordo delas! Trata-se das escolas do sr. X...

Em seguida, perguntou à sra. P... se ela não era parenta do sr. Ashworth, o vendedor de chapéus da rua Silver, ao que aquela respondeu-lhe negativamente. Ele acrescentou:

– Defronte de seu negócio, havia o de sedas, pertencente a Giles Hewart.

Nesse momento, o major P... tomou a palavra para observar que o sr. Hewart era pai do atual Supremo Magistrado da Corte de Justiça.

O comunicante perguntou então:

– A senhora conheceu o coronel Hutchinson, que morava na esquina da rua Mosslane e saía sempre a cavalo?

Ela respondeu que se lembrava perfeitamente e o comunicante observou:

– Como é bom a gente conversar com quem conheceu as mesmas pessoas com as quais tive relacionamento há muitos anos!

Eu lhe fiz notar que ele já tivera conversas muito interessantes com o rev. B..., com o que concordou, acrescentando, porém, que a desta tarde fora bem mais interessante.

A sra. P... perguntou em seguida ao comunicante se se lembrava da data da inauguração da capela da rua Union. Ele respondeu que preferia não indicar

nenhuma data, porque não estava certo da que tinha na mente, mas recordou que a data da construção estava inscrita na fachada da dita capela.

Ele perguntou à sra. P... se conheceria o sr. Clarkson Hay, um senhor rico, e o sr. Probert, agente do correio local. Ela respondeu que ouvira citar os nomes deles.

– E Balliwell, o gordo negociante de carvão, a senhora o conheceu? Não tinha a senhora um irmão que usava óculos?

– Não – respondeu a sra. P..., que tinha cinco irmãos.

[Durante uma outra sessão, ela informou ao espírito comunicante que já havia identificado o rapaz que ele tomara por irmão dela: era Harry Hall, que, precisamente, usava óculos.]

Ele perguntou ainda:

– A senhora se recorda do que se achava ao lado da porta de entrada, para rapazes, da escola da rua Clerk? Ao que ela respondeu:

– Parece-me que, ao lado, havia uma loja.

O comunicante replicou:

– Não, havia o Restaurante Britânico, que não era na realidade senão uma pequena cervejaria, mantido por um certo Tom Diggle. A senhora conheceu Billy Witan, o açougueiro?

– Sim – foi a resposta.

– Não o confunda com Billy Witton, que morava ao lado da igreja e mandava seu filho à minha escola. Conheceu Ashton Hine, que se fazia notar por um grande chapéu que usava sempre?

– Sim, recordo-me.

– Ele tinha uma filha chamada Cissie, mestra na escola da Trindade. E a srta. Shaw, conheceu-a também? Ela era costureira na rua Mosses, mas perdeu as pernas e saía numa pequena carruagem que dirigia sozinha.

– Sim, sim, eu me recordo.

– E Thomas Blunt e sua estrebaria, na rua Heywood, que pegou fogo e os cavalos pereceram no desastre?

– Certamente que me recordo!

Ele falou em seguida de William Weldon, que tirava retratos e também era confeitoiro. Ele possuía, além disto, um veículo com um pequeno cavalo com o qual transportava pianos. A sra. P... observou que Joyn Weldon, filho de William, era muitas vezes chamado para transportar os móveis de seu pai.

– A senhora conheceu a livraria do *Atheneum*?

– Sim.

– E o velho Fontiman, o sapateiro?

– Sim.

Nesse momento, como já era tarde, o comunicante desejou boa noite e, antes de se retirar, disse que esperava rever ainda a sra. P...”

Dei um amplo resumo da primeira sessão e não mais a retomarei, para não alongar muito a narração e para citar outras que são análogas àquela, pelo número extraordinário de detalhes minuciosos que elas contêm sobre pessoas, lojas, instituições, monumentos, ruas e episódios de há 40 anos. Essas indicações foram, na maior parte, reconhecidas como rigorosamente verídicas pela consultante sra. P...; um grande número delas, porém, ignoradas por ela, foram reconhecidas como verídicas depois de inquéritos rigorosos. Este último grupo de detalhes ignorados por todos os assistentes aumenta consideravelmente o valor teórico do caso de que nos ocupamos.

Passo agora, sem mais demora, para as atas das sessões sucessivas, que ocupam uma trintena de páginas. Limito-me a citar um episódio que aconteceu depois da publicação do caso na revista *The Two Worlds*. Essa publicação provocou a remessa, ao narrador, de diferentes cartas de pessoas que, tendo na maior parte conhecido o sr. Hacking quando vivo, estavam em condições de atestar a exatidão das indicações que não tinham sido ainda confirmadas.

O narrador escreve:

“Na copiosa correspondência a que deu lugar a publicação do caso Hacking, é preciso assinalar uma carta escrita à sra. P... pela sra. Hodson, de Handsworth (Birmingham), que, durante a sua infância, havia morado na cidade de Bury e conhecera a sra. P... Dizia ter freqüentado a escola do sr. Hacking com os seus dois irmãozinhos, acrescentando que tinha por instrutora a srta. Hewitt [citada pelo espírito comunicante]. A sra. P... permitiu-me tirar cópia dessa carta, que eu li ao comunicante sr. Hacking durante a sessão de 5 de dezembro de 1924. Hacking, pela boca do sr. Brown, em transe, observou:

– Muito tempo se passou, mas eu, no entanto, me recordo de ter conhecido também a sua irmã Harriett, mais velha do que ela dez ou doze anos. [Nesse momento, ele fez aparecer diante da médium a visão de um animalzinho atrelado a uma charrete.] Eles possuíam uma pequena égua que guardavam em uma estrebaria situada na Broad Street, defronte da agência do Correio e que (quando a sra. Hodson era ainda criança) teve um lindo potro. Esses animais eram levados a pastar em um prado de Buckley Wells. Conheci o pai da sra. Hodson e me recordo muito bem de seus dois irmãos, que eu via pela manhã quando abriam a loja. Entrando-se nela, via-se à direita uma urna de cristal que continha anéis de ouro para homens. A loja tinha vinte metros de comprimento, com móveis enfileirados de ambos os lados e a passagem no meio. Lembro-me de que a sra. Hodson tinha uma amiga inseparável chamada Clara Hay. Os pais de Clara possuíam um armazém de produtos alimentícios defronte do dos Count, perto do Bank of Commerce. Era a primeira loja depois do banco. Tinham uma outra filha, primogênita, chamada Alice, da mesma idade de Harriett Count, e dois filhos: Johnny Hay e Joseph Walton Hay.

Pedi ao sr. Hacking indicações sobre seu modo de vestir naquela época. ele me respondeu:

– Duvido que a sra. Hodson se recorde de minha pessoa, pois ela era muito jovem ainda. Eu vestia habitualmente um casaco comprido e muitas vezes levava um guarda-chuva. Nos dias de festa usava o chapéu de seda. Nos dias de semana usava um chapéu de feltro semelhante ao dos ministros anglicanos. Usava barba aos dois lados do rosto e sob o queixo; minha barba estava então grisalha. A título de ulterior identificação, pois que está aí o melhor modo de divulgar uma grande verdade, talvez chegue a acrescentar alguns outros detalhes relativamente à minha época. Pergunte à sra. Hodson se ela se lembra de Polly Ingham. Pergunte-lhe se ela não conheceu a velha Sarah do Café Royal, bem em frente ao armazém deles. Ela deverá também se recordar da sra. Hadman, a padeira, uma mulherzinha de cabelos louros. Sua pequena loja parecia uma caixa e, no entanto, ela fazia bons negócios. Pergunte-lhe, sobretudo, se se lembra da pequena égua e do potro: são pequenos detalhes que ficam gravados nas mentes infantis. Parece-me que ela tinha um irmãozinho chamado Herbert. Queira escrever já à sra. Hodson e transmita-lhe o que acabo de dizer. Boa noite.

Escrevi, imediatamente, à sra. Hodson, que me respondeu no dia 18 de dezembro de 1924, nos seguintes termos:

– Sua carta contribuiu, sozinha, para me convencer, como às minhas irmãs, mais do que todas as provas de meu conhecimento e todos os artigos que eu li sobre as questões espíritas. Eis o que tenho a dizer acerca das indicações fornecidas:

É verdade que minha irmã primogênita é doze anos mais velha do que eu, mas não se chama Harriett e sim Mary Elisabeth (Polly). Éramos cinco irmãs e dois irmãos. Minha irmã Harriett não era a primogênita, mas a terceira. Também é verdade que tínhamos uma pequena égua chamada *Black Vess*, que atrelávamos a uma pequena charrete. Quando ela teve o potro, eu tinha sete anos. É verdade que a estrebaria era na Broad Street, defronte da agência do Correio, e que o prado, que havíamos alugado, estava situado em Buckley Wells.

No que concerne ao detalhe da urna de cristal contendo anéis de ouro para homens, suponho que, quando o sr. Hacking fez alusão a ela o senhor teve dificuldade em acreditar nisso. Com efeito, como se acreditar nessa coisa inadmissível de um sortimento de anéis de ouro à venda em uma loja de móveis? Entretanto, era bem assim. Acho inútil explicar-lhe por quais razões meu pai tornou-se possuidor desse sortimento de anéis. Basta dizer-lhe que ele nunca se dedicou a essa espécie de negócio. A urna de cristal tinha a dimensão de 22 polegadas quadradas mais ou menos e 3 polegadas de profundidade. Além dos anéis, continha outros objetos em ouro, como argolas, medalhões, chaves e relógios de bolso. Neste momento em que lhe escrevo, trago em meu pescoço um medalhão pendente formado, no centro, de um grande brinco em filigrana que se achava na urna. O senhor, assim como o espírito comunicante,

talvez se interessem em saber que os restos do conteúdo da urna estão ainda guardados por mim no cofre de meu quarto de dormir. Observo que a alusão precisa a essa urna de cristal, contendo anéis de ouro de minhas irmãs, constitui a prova de identificação mais extraordinária e mais convincente que o espírito do sr. Hacking pôde transmitir para provar a sua presença real nas sessões, tanto mais se se considera a improbabilidade da indicação de uma urna com jóias em uma casa de móveis. Experimento grande satisfação íntima ao pensar que nunca quis me desfazer desses objetos.

A descrição da loja, com a passagem no meio e o mobiliário enfileirado de ambos os lados, é absolutamente correta, pois ela era realmente comprida: tinha 20 metros de extensão e ocupava quase todo o lado da construção.

É verdade que a minha companheira de brinquedos chamava-se Clara Hay e que éramos inseparáveis. É verdade que o armazém de produtos alimentícios de seus parentes ficava em frente ao nosso e ao lado do Bank of Commerce. É verdade que sua irmã primogênita chamava-se Mary Alice e que seus irmãos chamavam-se John Joseph Hay (Johnny) e Joseph Walton Hay (Joey). Tinha ela um outro irmão, Willie, que partiu para a América pouco tempo depois de ter acabado os seus estudos.

Tudo é verdadeiro no que se refere ao aspecto do sr. Hacking e à sua maneira de vestir. Sua figura me era familiar e eu conservo muito viva a impressão que ele me causou, quando, na rua Agar, ameaçou, com sua bengala (ou seu guarda-chuva), duas crianças que brigavam.

É igualmente verdade que conheci muito bem Polly Ingham (sra. Sam Hay). Eu a revi há apenas um ano e tivemos uma longa conversa. Também conheci muito bem a velha Sarah, do Royal, assim como a loja da sra. Hardman. Meu irmão mais velho se chamava realmente Herbert.

Em resumo: tudo que o espírito comunicante disse é maravilhosamente verdadeiro.

Ainda uma observação importante: Joseph Walton Hay era conhecido de todos pelo apelido de Joe ou Joey. Eu sabia seu verdadeiro nome devido a minha intimidade com a família e o sr. Hacking devia conhecê-lo pelos registros de sua escola. Ora, são precisamente esses detalhes, inexplicáveis por todas as teorias, que apresentam o maior valor no sentido espírita.”

Tal é o resumo substancial do admirável caso de identificação pessoal de um espírito que foi um obscuro mestre-escola – desconhecido do médium e dos assistentes – e morto, há 45 anos, numa localidade muito afastada daquela em que se manifestou. Não posso deixar de reconhecer que se está frente a um caso que, pela seqüência da imensa quantidade de detalhes fornecidos pelo espírito comunicante, pela verdade absoluta desses detalhes, dos quais nenhum foi de natureza fantástica, e pelas modalidades nas quais se realizaram os fatos, é teoricamente o mais extraordinário e o mais importante de todos desse gênero conhecidos até hoje, isto é, de todos os casos de identificação espírita obtidos por *vidência e incorporação mediúnica*.

Nessas condições, não será inútil analisá-lo sistematicamente, sem falsas deferências pelas pessoas, começando por discutir sua autenticidade como episódio realmente supranormal. Os opositores mostram-se bem exigentes com relação a episódios de identificação espírita obtidos pelas formas de mediunidade que serviram no caso. Eles observam, com efeito, que é muito fácil um médium mistificador conseguir recolher, clandestinamente, informações sobre um morto qualquer, desconhecido de todos, para divulgá-las em seguida, durante uma sessão, como se elas proviessem do defunto em pessoa. E os opositores indiscutivelmente têm razão: não há dúvida de que esse truque é relativamente fácil. Resulta daí que se deve agir com a maior prudência nos episódios obtidos por meio dessas formas de mediunidade. O método mais seguro para triunfar dessa perplexidade neutralizante consiste em somente acolher os casos em que as modalidades de manifestação, por sua natureza, são a melhor prova da origem supranormal dos fatos, pois que elas mostram a impossibilidade material da fraude. É o que se verifica no presente caso.

Primeiramente, é preciso observar que a intervenção do sr. e da sra. P... nas sessões verificou-se de modo totalmente inesperado. Além disso, temos que o médium e todos os experimentadores, exceção do narrador, não os conheciam e que, apesar disso, houve entre o primeiro e a sra. P... uma conversa animada e apaixonada a respeito de recordações do passado comuns aos dois interlocutores. Ora, isto exclui, de modo absoluto, toda possibilidade de o médium ter tido tempo de se preparar para a árdua prova, recolhendo informações a respeito de uma pessoa desconhecida que, inesperadamente, iria participar das sessões.

Observe-se também que, no outro episódio da sra. Hodson, a maneira como os fatos se produziram é mais concludente ainda. Isto porque os detalhes fornecidos pelo espírito comunicante se referem a uma outra pessoa que, além de ser desconhecida do médium e dos assistentes, *não assistia às sessões* e estava afastada a dezenas de milhas. Este último fato não impediu o espírito comunicante de fornecer, imediatamente, informações abundantes relativas a um passado remoto que se relacionava com ambos e que foram maravilhosas por sua qualidade e precisão.

Nestas condições e como os argumentos que acabo de expor são mais do que suficientes para excluir a hipótese de fraude, julgo inútil insistir no assunto.

Passando à análise dos fatos, mencionarei primeiramente o fenômeno da aparição, ao médium, de uma visão clarividente do morto comunicante, na qual ele se mostrava tal qual era em vida. O narrador escreve:

“... o vidente – sr. Brown – anunciou que percebia um senhor alto, já de certa idade, inteiramente calvo, com barba dos dois lados do rosto e debaixo do queixo, e com o resto do queixo e os lábios superiores raspados. Vestia um sobretudo preto que abriu em certo momento, a fim de mostrar ao vidente que tinha as pernas arqueadas, mormente uma delas.”

Um pouco mais adiante, o espírito completa os detalhes a respeito de sua própria pessoa, acrescentando:

“Eu vestia habitualmente um casaco comprido e muitas vezes levava um guarda-chuva. Nos dias de festa usava o chapéu de seda. Nos dias de semana usava um chapéu de feltro semelhante ao dos ministros anglicanos. Usava barba aos dois lados do rosto e sob o queixo; minha barba estava então grisalha.”

A sra. Hodson, que se recordava do homem, observa:

“Tudo é verdadeiro no que se refere ao aspecto do sr. Hacking e à sua maneira de se vestir. Sua figura me era familiar e eu conservo muito viva a impressão que ele me causou, quando, na rua Agar, ameaçou com sua bengala (ou seu guarda-chuva) duas crianças que brigavam.”

Uma outra senhora, residente na cidade de Bury, escreve ao narrador:

“Procurei informações a respeito do raquitismo das pernas do sr. Hacking. Pareceu-me recordar muito bem dele, mas não estava bastante segura de minha memória. Ora, há alguns dias encontrei uma de minhas amigas e, recordando-me de que ela freqüentara a escola do sr. Hacking, dirigi a conversa para a pessoa dele, quando me disse espontaneamente: “Era um homem que tinha as pernas bizarramente deformadas”.

Eis identificado o homem da visão. Note-se que eu não havia sugerido nada à minha amiga. Perguntei-lhe somente que homem era o sr. Hacking.”

Está, pois, demonstrado que a visão aparecida ao médium era absolutamente verídica. Ela adquire assim um valor teórico enorme e decisivo no sentido espírita. Com efeito, como considerar o fato de o médium ter tido uma visão verídica de uma pessoa que, falecida há 45 anos, era-lhe inteiramente desconhecida assim como dos assistentes?

Poder-se-ia, certamente, invocar a famosa hipótese naturalista da *prosopopese-metagnomia*, segundo a qual o médium consegue mistificar o próximo, representando, ele próprio, as personalidades dos mortos e recolhendo indicações verídicas a esse respeito, seja na sua própria subconsciência (criptomnesia), seja nas subconsciências dos assistentes (clarividência telepática). Essa explicação, porém, não tem nada em comum com a visão aqui referida, pois nesta a pessoa representada era totalmente desconhecida do médium e dos assistentes.

Não se poderia também invocar a hipótese da *criptestesia* sob a forma de *psicomетria*, pois, quando o médium teve a visão, não apenas ele não manipulava objetos pertencentes ao morto desconhecido, como também não havia entre os assistentes pessoa alguma que o tivesse conhecido. Ora, sabe-se que, na ausência de pessoas ou de coisas com as quais se possa estabelecer a *relação psíquica*, não pode haver fenômenos de psicomетria. Segue-se daí que a visão clarividente da pessoa do falecido sr. Hacking é por si só uma prova admirável e irrefutável de identificação espírita. Desafio quem quer que seja a me demonstrar o contrário.

O episódio da sra. Hodson, porém, é mais decisivo ainda – se assim pode-se exprimir relativamente aos episódios próprios para atingir um fim. Trata-se aqui de

uma pessoa ignorada do grupo experimentador, a qual, tendo escrito para confirmar por seu testemunho os fatos publicados pelo narrador, é citada por este ao espírito comunicante. O espírito do sr. Hacking, depois de ter observado que se lembrava dela, dá numerosos e maravilhosos detalhes sobre as relações de conhecimento com a senhora e sobre o meio em que ambos viveram. Não se esqueceu de salientar que se prestava a fornecer esses detalhes porque estava aí “o melhor modo de divulgar uma grande verdade”. É preciso convir que a grande verdade da existência e sobrevivência da alma ele assim a demonstrou de uma maneira irrefutável. Pelo menos, assim deve ser para toda pessoa que não tem o espírito obscurecido por preconceitos irredutíveis.

Um dos traços característicos mais extraordinários dessa série de comunicações mediúnicas já em si extraordinárias é o dos nomes próprios, transmitidos constantemente e com uma facilidade jamais encontrada nas experiências dessa natureza. Como se sabe, os nomes próprios constituem a maior dificuldade de transmissão nas comunicações mediúnicas obtidas pela *psicografia* ou a *clarividência telepática*. Com a telepatia, com efeito, pode-se transmitir facilmente a substância de uma idéia ou de uma frase, que, *revestindo uma significação concreta*, chega sob a forma vibratória aos centros cerebrais de ideação do médium e se transforma lá no pensamento originário – sendo tudo mais ou menos expresso na linguagem do médium. Isto, porém, não se pode realizar quando se trata de nomes próprios, pois, *não revestindo uma significação concreta*, não se podem transformar em uma representação qualquer quando chegam aos centros cerebrais de ideação do médium. Somente ocorre isto quando os nomes contêm algo que pode ser traduzido em fórmulas simbólicas; assiste-se então ao fenômeno da transmissão de um nome a partir de sua conversão em uma representação simbólica, o que confirma ulteriormente o que já disse a respeito das dificuldades inerentes à transmissão dos nomes próprios nas comunicações mediúnicas.

Assim sendo, como considerar o fato de que essas dificuldades não existiam no caso em questão? Provavelmente a solução do problema deva ser buscada na circunstância de as comunicações do espírito de Hacking realizarem-se em condições de incorporação mediúnica. Dever-se-ia, então, concluir que o espírito comunicante não transmitia telepaticamente seu pensamento, mas apoderava-se temporariamente, e de um modo excepcionalmente perfeito, do órgão cerebral do médium (*fenômeno da possessão mediúnica*).

Um outro fato, característico e extraordinário, do caso em questão é o de *um morto lembrar-se de tudo*. Na grande maioria dos casos de identificação espírita, obtidos por *psicografia*, *clarividência telepática* e *possessão mediúnica*, verifica-se que, se os mortos comunicantes se recordam muitas vezes de bastantes coisas, raramente isso se realiza sem grandes e repetidos esforços mnemônicos e sem lacunas e erros consideráveis. Sem dúvida, esses inconvenientes são determinados, em grande parte, por condições imperfeitas de transmissão ou de possessão mediúnica. Dever-se-ia, então, concluir que, no caso do sr. Hacking, não se observam nem lacunas, nem erros, nem esforços penosos de recordações, porque o fenômeno da *possessão mediúnica* foi mais perfeito do que habitualmente.

Esta explicação, entretanto, não dissipa totalmente o mistério, considerando-se a quantidade excepcional de lembranças longínquas, bem detalhadas, evocadas pelo espírito comunicante. Essa circunstância apresenta analogias muito notáveis com os fenômenos de recordações que se obtêm nas experiências hipnóticas (regressão da memória), graças às quais ficou demonstrado que a *memória fisiológica* não é senão uma fração insignificante da *memória integral* que existe, em estado latente, nos refolhos da subconsciência humana. Observo então que o caso do sr. Hacking leva a supor algo semelhante para as recordações dos acontecimentos humanos no meio espiritual. Isto é, ainda que a memória fisiológica terrestre não guarde senão as lembranças úteis à existência encarnada, relegando na subconsciência as recordações integrais praticamente inúteis, todavia, em certas circunstâncias especiais, estas emergem com toda a sua perfeição maravilhosa. Isto também aconteceria com a memória espiritual, que normalmente guarda apenas as recordações dos acontecimentos terrestres em suas grandes linhas construtivas, relegando, em uma espécie de subconsciência espiritual, a memória integral dos acontecimentos em questão. Assim como acontece na existência encarnada, haveria também na existência desencarnada entidades espirituais mais capazes que outras de utilizar essas reservas mnemônicas, entrando voluntariamente em condições psíquicas especiais. Seria o caso do espírito do defunto sr. Hacking que, graças à sua feliz idiossincrasia nesse sentido, teria sido escolhido pelo espírito-guia Calder para provar aos vivos, com base em fatos, a sobrevivência pessoal do espírito humano desencarnado.

A propósito das considerações que acabo de expor, resta-me pedir a atenção dos leitores para o muito eloqüente parágrafo do narrador que diz respeito à quantidade extraordinária de informações verídicas fornecidas pelo comunicante. Ei-lo:

“Graças ao concurso de diferentes pessoas, conseguimos controlar, até aqui, a verdade de mais de trezentos detalhes fornecidos pelo espírito do sr. Hacking e por seus amigos mortos que colaboram com ele do lado espiritual.”

Como se pode ver, trata-se de um caso de identificação espírita onde os detalhes necessários a esse fim foram fornecidos não apenas em uma medida cientificamente satisfatória, mas inteiramente exuberante. Os opositores, desta vez, dobrar-se-ão perante a evidência, logicamente irresistível, de uma prova como esta? Duvido que tal aconteça com alguns deles, considerando que, em certos casos, a força dos preconceitos é de tal modo avassaladora e todo-poderosa, que criou uma forma *sui generis* de cegueira lógica propriamente dita. Mas o que poderão imaginar esses opositores da verdade espírita em apoio ao seu ponto de vista? É o que estou curioso por saber.